



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Nas terras dos vivos

SE no mundo ocidental aumenta a indiferença religiosa, entretanto também há sinais dos tempos que nos vão interpelando fortemente e de forma crescente, sobre a missão da Igreja e o sentido da vida humana. Não podemos passar ao lado de situações de urgência da proximidade com a fragilidade humana. E, ainda, sublinhamos um exemplo profético de grata memória.

Ao agravar-se o desemprego, há cada vez mais pessoas carenciadas e famílias em que escasseiam os bens essenciais. Testemunhamos isto mesmo no terreno, quando de forma simples e discreta tentamos ajudar a responder a apelos que nos chegam, como este grito aflito: — *O pai do meu bebé não tem trabalho. Não temos nada para comer. Padre, ajude-nos...* Em todas as mesas, e nos sítios de miséria, não pode faltar o pão de cada dia. Também nós, todos os dias, aproveitamos o que cai e sobra de vários fornos para ajudar a alimentar filhos de gente que não os pode criar, por desestruturação familiar e enfermidades. Era tão lindo quando os nossos pais e avós beijavam os cibinhos de pão caídos no chão. De facto, o contexto global difícil reflecte-se no crescimento acentuado de crianças e adolescentes em risco sinalizados pelos serviços de saúde, que disparou em 2012 e se cifrou em cerca de 7 mil casos, cujo motivo mais comum é a negligência.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

É a primeira vez que escrevo, sentado na mesa do escritório central desta Casa. É como que uma mesa de comando para as actividades do campo, oficinas, compras na cidade e mil e uma coisas e problemas de que se fazem triagem aqui.

A Irmã foi a uma reunião com a Maria José na Fundação Encontro, onde as coisas entregues a pessoas fiáveis têm que ter o controlo necessário e diário, também. As pessoas requerem formação contínua e a sua dedicação indispensável, não ganhou raízes no coração. Maldito dinheiro que só fomenta egoísmo e não deixa florescer a generosidade. O Pobre é sempre capaz de repartir, mesmo quando não lhe sobra. O senhor de dinheiro aproveita-o para si, esconde-o da inveja dos outros, começa a ser exigente com quem

lhe dá trabalho ou, bem pior, com quem realmente o educou. Tropeços na vida de quem aqui anda.

Entretanto, vivemos incertezas. Ninguém sabe o certo: só mesmo quem está no meio do fogo. Boatos. Temem-se convulsões. A nível económico estamos na área do vulcão que nos cobre de cinzas. Vive-se numa paz podre. Dos bastidores do cenário, com as cortinas cerradas, nada se sabe.

A temperatura atmosférica também nos atormenta muito. Variações de quarenta e dois graus para vinte, de um dia para o outro. Há dois dias, chuva miudinha e fria, prenúncio de mau Inverno. As chuvas tropicais, regulares, desapareceram. Aparecem, sim, impetuosas, alagando, arrastando, destruindo, à passagem para o mar, vidas humanas, habitações precárias, gados e culturas.

Se soubéssemos ler os sinais dos tempos, veríamos a natureza desequilibrada e, daí, passaríamos ao comportamento humano, também em desequilíbrio ou mesmo em declínio. Em tempos históricos do Norte de Moçambique, o Bem e o Mal eram atribuídos ao Nlungo, Ser Supremo, e aos seus espíritos. E todos se sujeitavam ao rei e aos seus feiticeiros para os acalmar.

Agora que o deus passou a dinheiro, quem o tem vive na sua fortaleza, bem guardada, e se não se sentir seguro quanto basta, joga longe os seus interesses, espalhando pelo mundo a sua riqueza. É ao que leva a economia global.

Em nome dos Pobres se ganham ajudas internacionais. No entanto, a miséria aumenta, a pobreza aumenta, os salários são desconfortáveis para médicos, enfermeiros

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Aos nossos Amigos

TANTAS vezes partilhámos com os nossos Amigos e Leitores as aflições dos Pobres que a nós recorrem ou que descobrimos na vida que nos é dada, para os servirmos. Desta vez, as aflições, dores e angústias, nasceram no seio da nossa Comunidade e, porque saíram a público de forma bombástica, espalhando uma notícia que nos maltrata e a todos os que nos amam, exigem que esclareça, embora necessariamente de forma sucinta, o sucedido.

Tudo começou há alguns meses, quando um pequeníssimo grupo de Rapazes nossos resolveu que queria jogar futebol fora, e começou a fazê-lo, saindo do âmbito que tem sido habitual ao longo das décadas de existência da nossa Casa do Gaiato. Representar-nos, no nosso Grupo Desportivo, era um motivo de satisfação para todos. Quinzenalmente, as suas actividades eram espelhadas nas respectivas Crónicas d'O GAIATO.

Perante o sucedido, logo foi a Comunidade lembrada para a necessidade de manter e preservar a nossa antiga tradição, que se mantém actual, pois defende os Rapazes na sua preparação para a vida real e é tão importante para manter vivo o espírito da vida comunitária e familiar, que é a base de um crescimento humano equilibrado e feliz. A prática de futebol num qualquer grupo ou clube do exterior, implicaria que, quem o quisesse fazer, teria de assumir todas as responsabilidades da sua vida, saindo da nossa Casa.

Os Rapazes envolvidos não se manifestaram perante o alerta dado, mas com o seu comportamento posterior, mostraram que não aceitavam esta orientação, vindo, depois, a fazer tudo para fazer valer a sua pretensão.



Ai que se não fosse a Dor, não haveria no mundo quem soubesse amar! — P. Américo

Iniciada a nova época futebolística, começaram a participar em treinos do clube da terra, sem darem conhecimento a qualquer responsável da nossa Casa. Confrontados com a sua atitude, uma vez mais lhes foi lembrado que teriam de assumir uma vida independente ou de se comprometerem a não voltarem a fazer o mesmo, para assim permanecerem connosco. Prometeram e não o voltaram a fazer.

Embora cumprindo, não desistiram do seu propósito

inicial, criando situações de afronta ao Grupo Desportivo e a quem o orientava, maculando, assim, toda a Casa do Gaiato.

Por fim, chegaram ao desrespeito e desobediência perante quem foi incumbido de a orientar. Restava defender os valores postos por eles em causa, de forma insistente, e confrontá-los com a necessidade de assumirem as suas vidas. Cada qual seria ajudado a concluir os seus estudos, de acordo com as suas necessidades, mas fora da nossa Casa do Gaiato. Todos tinham já chegado à maioridade, ou estavam muito próximos dela, havendo que ter em conta, nestes casos, as decisões judiciais que os acompanham, não esquecendo algum familiar que lhes esteja próximo.

Aquilo que seria fácil de resolver no seio da família, onde dar a desculpa e o perdão pelos erros cometidos é o maior desejo que anima a vida de quem se dá aos seus, ganhou, neste caso, força em sentido contrário, pela recusa determinada em mudar as suas pretensões, reforçada de apoios e incentivos vindos do exterior da nossa Casa.

Os jornais, rádios e televisões, que vivem de notícias, as mais valiosas quando tratam de destruição e morte, depressa acorreram à chamada, espalhando erradas informações como se de verdadeiras se tratassem.

O bom senso acabou, no entanto, por prevalecer, pedindo os Rapazes desculpa pelos seus graves actos, nunca tendo deixado de usufruir de tudo o que a nossa Casa dispõe.

Por respeito e pela dor de quem sofre, não se deve remexer na sua ferida, mas, antes, curá-la e deixá-la cicatrizar. Só depois, pedir ao próprio para falar dela. É o que agora partilhámos com os nossos Amigos, agradecendo-lhes terem esperado confiadamente e ajudado a cicatrizá-la.

Não será, por certo, a última, pois onde o amor, aí a dor. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OUTROS MUNDOS? — Assuntos profissionais, mas relacionados com o sector social, levaram-me até Macau. Por lá, falaram-me de alunos que chegam mal dormidos às aulas, não porque tenham passado a noite na reinação, mas porque passam parte do dia e da noite a trabalhar para ajudarem ao sustento de pais e avós. Falaram-me de pessoas que, chegadas à “terceira idade”, se fecham em casa e passam lá o dia todo, entretidas com algum jogo, e fora do convívio com outras pessoas cá fora. Falaram-me dos preços exorbitantes dos terrenos que impedem a construção de lares residenciais para idosos no território e ainda pior em Hong Kong. Aqui a “solução” é construir “cidades novas” para 3000 idosos, noutras zonas da China, onde os terrenos são mais baratos, “exportando” para lá esses idosos.

A estadia foi demasiado curta para tirar isto tudo a limpo, embora quem mo disse conheça bem a realidade local.

Seja como for, estamos em presença de zonas do mundo onde o apoio “tradicional” aos idosos, com base na família, está a romper-se rapidamente e onde as respostas vindas da sociedade civil e do Estado são frágeis. Isto acontece ao mesmo tempo que chegam ao território fortunas para o jogo. A Administração Pública que daí arrecada uma avultada receita fiscal, “não sabe” o que lhe fazer, devolvendo todos os anos algum desse imposto aos contribuintes, através de um cheque de valor igual para todos, sejam pobres, ou sejam ricos.

Sei que por cá não é bem assim. No entanto, também há por cá muita rede de apoio familiar aos idosos que se rompeu, ou que se está a romper, sem que haja sempre respostas privadas, ou públicas que sejam bons substitutos para isso. Também há por cá quem, a pretexto das dificuldades económicas pelas quais o País está a passar, esteja a “brincar com o fogo” pretendendo cortar de qualquer maneira no sustento dessas respostas privadas e públicas.

Não podemos, nem devemos “exportar” os nossos idosos e outros grupos sociais vulneráveis para um sítio fora de portas, como se isso fosse “solução” para os nossos problemas sociais e económicos. A verdadeira solução terá que ser construída na maior proximidade possível com as pessoas que precisam de ajuda, onde elas estiverem, alimentando e não cortando os laços sociais que são importantes para a sua vida com dignidade. □

LAR DO PORTO

Carmo e Félix

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Uma vez mais estamos a dar testemunho do nosso trabalho. Em primeiro lugar, queremos agradecer a todos os nossos Amigos a ajuda e palavras de conforto, porque, como calculam, a nossa tarefa não está a ser fácil, neste momento de tantas falhas económicas e sociais.

Cada dia que passa, vamos tendo conhecimento de muitos casos de carências, basta lermos os jornais e ouvirmos os telejornais, já para não falar da violência que muitos julgam que é forma de resolverem os seus problemas.

As pessoas estão a perder os seus valores humanos; é salve-se quem puder; é pena terem perdido a Fé em Deus e o respeito pelos outros. Quer queiramos quer não, tudo isto são lições de vida que recebemos; tão depressa queremos ter tudo, esquecendo que, amanhã, poderemos perder tudo.

Os bens materiais ficam cá todos e as pessoas que nos rodeiam é que são o mais importante, quer sejam familiares, amigos ou vizinhos, porque quando estamos doentes ou mais debilitados, olhamos para o lado e constatamos que estamos sozinhos, olhamos para os bens materiais e estes estão inertes, não nos dirigem uma palavra de conforto e carinho, porque quem nos pode dar esse conforto é as pessoas que nos rodeiam e que, por vezes, nos esquecemos delas, quando só estávamos preocupados em ter o nosso conforto, não tendo tempo para os outros.

Tudo tem peso e medida, mas nunca nos esqueçamos: há lições de vida das quais devemos tirar o melhor proveito e sermos mais amigos; não esquecermos que Deus nunca nos abandona, nós é que lhe fechamos a porta.

Nós, os Vicentinos, também temos as nossas falhas, somos seres humanos, mas com os nossos Pobres temos recebido muitas lições de vida, porque eles, mesmo com o pouco que têm, conseguem transmitir-nos carinho e, abrindo o seu coração, confidenciam-nos o que se passa no seu dia-a-dia.

Informamos que o assunto da vacina da nossa gémea já está resolvido. Agradecemos a todos que colaboraram.

DONATIVOS — Manuela Morgado, 10€; Anónima, 20€; Maria Ferreira, 200€; Isabel Magalhães, 300€; Jorge Santos, 50€; David Moreira, 100€; Deolinda Morais, 200€; M. Alice Oliveira, 300€; Marli Leite, 50€; Nuno Fonseca, 300€; Maria Simões, 50€; Antonio Lopes, 50€; Ermelinda André, 50€; Aurora Silva, 20€; Roberto Vaz, 50€; Assinante 29921, 300€; Mirandolina, 5€; José Lima, 25€; Angelina Mendes, 50€; Amiga da Rua Formosa, 250€; Lisboa, 20€; Assinante 64183, 50€; Inês Gonçalves, 112€; Assinante 21788, 100€; Abílio Oliveira, 100€; Assinante 76870, 40€; Amiga, Fiães, 70€, junto com um postal do nosso querido Pai Américo com a seguinte mensagem: «*Senhor dos Céus, / Para quem eu vivo, / Se for necessário dar o peito às balas / Por amor destas verdades / Que são a Vossa Palavra, / Não dou licença de ninguém ir à frente. Quero ser eu o primeiro.*»

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso muito obrigado e que Deus vos abençoe. □

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

S. MARTINHO — Os rapazes já andaram a apanhar castanhas na nossa mata, que vão caindo dos castanheiros. Teremos uma tarde de S. Martinho onde haverá também a tradicional bifana acompanhados por um pouco de vinho, menos para os mais novos que terão sumo para beber.

MISSA — Todos os Domingos pelas 12 horas, na nossa Capela, celebramos o Dia do Senhor. O coro que anima a Missa é constituído pelos nossos Rapazes, que cantam e acompanham musicalmente com violas e órgão. Costuma a Capela estar cheia, com os Rapazes e pessoas de fora que gostam de participar na nossa Eucaristia.

CAMPO DE FUTEBOL — O nosso campo está a ser arranjado com a colocação de uma camada de saibro, porque, no mesmo, já se notavam pedras que apareciam à superfície. Para segurança dos jogadores, decidimos pôr essa cobertura, para que ninguém se aleije nos jogos ou nos treinos de futebol de 11. O campo não é só

utilizado para os de Casa, mas também para os visitantes que vêm connosco conviver e que queiram jogar futebol.

LAVANDARIA — As obras da lavandaria estão continuando. Os pedreiros já fizeram pilares para segurar o telhado e assim ficar uma obra segura. De seguida farão as placas para o tecto e para assentar as telhas em cima da mesma. Ainda há bastante trabalho pela frente, de modo a que a lavandaria fique com boas condições. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

50 ANOS DA OBRA DA RUA EM ANGOLA — Corria o ano de 1963. Em finais de Outubro não nos contivemos e chorámos todos antes da partida de Paço de Sousa, Casa paterna. Os nossos irmãos de então acenavam um adeus de despedida. Partimos com confiança e com responsabilidade de levar mais longe o fogo que nosso Pai Américo nos confiava.

Precisamente hoje, 2 de Novembro, partimos de Lisboa no barco Rita Maria.

«*Essa hora grande foi o testemunho vivo de que os laços que nos unem, são laços de família.*» — Assim escreveu o nosso Padre Manuel António na edição de 9 de Novembro de 1963 d'O GAIATO.

No mesmo jornal e data, como agora podemos reler no primeiro volume do livro *Mibangas e Frutos*, escrevia o nosso Padre Telmo: «*A Obra da Rua vai começar em África! Que Deus afaste de nossos corações a velezade e pretensão de 'fundadores'*. *Somos os carris ferrugentos que o Senhor pode ou não aproveitar*».

Amor e disponibilidade total eram o lema e o motor da grande aventura de dar início a duas novas Casas do Gaiato em Angola: Malanje e Benguela.

Os anos passaram. Crescemos; amadurecemos para a vida; assumimos responsabilidades; constituímos também nós famílias novas. Alguns, daquele grupo inicial, já partiram para a Eternidade. Continuam, porém, connosco,

porque os laços que construímos desafiaram o esquecimento.

Parece que foi ontem e estão volvidos 50 anos! Momento para celebrar e dar graças a Deus pelo dinamismo da nossa Obra em Angola. Temos, hoje, ali mais de 200 irmãos, também eles a fazerem-se homens. Com eles queremos celebrar e comungar a nossa vida de Gaiatos; e uma história de 50 anos que nos une.

Se, como disse a Conferência Episcopal Portuguesa «*a História da Igreja em Portugal não pode ser feita à margem da Obra do Padre Américo*», Também a História da Igreja de Angola não poderá ser feita à margem do dinamismo das suas Casas do Gaiato. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

BISPO D. ANTÓNIO MARCELINO — A 9 de Outubro, quarta-feira, partiu para a casa do Pai o Sr. D. António Baltasar Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro. Era muito nosso Amigo! Numa festa nossa, em Aveiro, subiu também ao palco para falar sobre a nossa Obra. Em Janeiro deste ano, fez na Igreja de S. José, em Coimbra, uma importante Palestra sobre o nosso Pai Américo. Na celebração das suas exéquias, a nossa Comunidade esteve presente, com gratidão e saudade. Descanse em paz!

126 ANOS DE PAI AMÉRICO — A 23 de Outubro, fez 126 anos que o nosso querido Pai Américo nasceu, na Casa do Bairro, freguesia do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel. Celebrámos, neste dia, a Eucaristia como lembrança muito agradecida a Deus. Nos 125 anos, comemorámos bem o seu nascimento.

CONCERTO — O concerto *Música Maestros!* foi um evento inédito em Coimbra, pois participaram 14 conceituados maestros activos nessa cidade,

como intérpretes. A 11 de Outubro, o Pavilhão Centro de Portugal esteve cheio de Amigos e Amigas interessados neste espectáculo. Bem-hajam!

VISITAS — Vai havendo Amigos e Amigas que vêm ao nosso encontro com a sua partilha e pedidos de ajuda. A 20 de Outubro, Domingo, como é tradição, veio um grupo de pessoas de Castelo Branco para estar connosco durante o dia. Com a incansável Sr.^a D. Fernanda à frente, vieram num autocarro cedido pela Câmara Municipal. Participaram na Eucaristia, às 10.00h, na nossa Capela, em que foram lembrados todos, em especial os doentes e os que já partiram. A seguir, prepararam o almoço, saboroso, e conversaram connosco. Depois de uma merenda ajantarada, seguiram viagem felizes, levando a todos no seu coração. Também nós não os esquecemos. Muito obrigado!

SAÚDE — Já se conseguiu isentar, justamente, de taxas moderadoras os Rapazes. O *Gadocha* pequeno foi operado, outra vez, à vista, no Pedião

trico em Coimbra. Bem-hajam a todos os que cuidaram dele! Alguns gorditos passaram a comer mais fruta.

AGROPECUÁRIA — Regressaram a chuva e o vento, mas os trabalhos agrários têm de se fazer. O couval pegou bem. Concluiu-se a colheita das espigas de milho, cuja produção foi razoável. Tem-se aproveitado para desfolhar espigas, depois do estudo, quando chove. Capinaram-se ainda os olivais dos poços e do olheiro. Também se cortaram os ramos baixos dos troncos das oliveiras. O casal de porcos está valente; e os frangos vingaram.

AVISO — Ao aproximar-se a época natalícia e como os tempos são de crise geral, pedimos àqueles que nos estimam que não façam campanhas de brinquedos nem tragam rebuçados, pois podem estragar os nossos dentes. A nossa morada é: *Obra do Padre Américo Casa do Gaiato 3220-034 Miranda do Corvo Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099 E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt.* □

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

Em 12 de Outubro tivemos um dia de muito calor. A temperatura atingiu 42 graus e, no fim do dia, uma forte ventania com um fogo de mais de 2 quilómetros em direcção à nossa Casa. Foi um grande susto; mas, graças a Deus, com o apoio da comunidade conseguimos controlar.

Os nossos visitantes têm sempre aparecido com o seu gesto de carinho. Alguns, com os seus amigos; outros, com o desejo de nos conhecer, pois já ouviram falar da nossa aflição do dia-a-dia em ter que garantir a alimentação, saúde, educação e toda a formação humana a uma família de 152 diariamente, 58 que estudam foram de Casa e os que aparecem com as preocupa-

ções da vida, próprias de uma família grande e que sentem que a única porta a bater é a família que têm: a Casa do Gaiato: — *Esta é a minha família!*

Estamos na fase final do ano lectivo. Agora é momento de chorar pelo tempo perdido e ter mais tempo de estudo, não está a ser fácil. Dia 4 de Novembro, iniciaremos os exames finais a nível Nacional. Há muito medo, pois a realidade é que os nossos professores não estão preparados para os novos desafios.

Estão connosco três voluntárias. Estamos muito gratos pelo grande esforço que têm feito para nos ajudar. A Tia Ana, com aulas de informática;

a Laura, com o seu apoio aos que têm mais dificuldades de aprendizagem; e a Virgínia, com jogos para motivar a aprendizagem de Matemática.

Esta semana estivemos todos muito envolvidos na colheita da batata reno. Não havia tempo a perder, pois o nosso medo era que se iniciasse o tempo chuvoso e estragasse a nossa batata. Vamos vendê-la, para garantir o nosso sustento e guardar, para nós, a que os ratos furaram. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 31.650 exemplares

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VOU hoje escrever sobre uma exposição de vida da Carmita, feita pela Paróquia da Quinta do Anjo, concelho de Palmela, que está patente na loja Vida e Fortuna, daquela terra, até ao dia 3 de Novembro.

É uma forma de evangelizar, aproveitando a memória daqueles que viveram a sua fé com radicalidade e heroísmo.

Várias vezes, n' O GAIATO, registei o que me ditava o coração sobre esta cristã, quando da sua morte e do vigésimo quinto ano da partida para o Céu.

Para os menos atentos e mais esquecidos, devo recordar que Carmen Fortuna decidiu dar a sua vida e todos os seus bens, naturais e sobrenaturais, aos pobres, dando-se a si mesma, como mãe, a crianças que a não tinham. Criou seis filhos, sendo os primeiros três, entregues por mim.

Como sempre, Deus alegrou-se com a sua serva e foi-a preparando pouco a pouco para desenvolver nela o sentido natural da maternidade.

Assim, recebeu um pequenino de quinze dias, que arranquei numa choça onde já haviam morrido três crianças muito tenrinhas.

Atento à gravidez da sua progenitora pedi a algumas senhoras da igreja, visitas frequentes àquela barraquinha, a fim de que nada faltasse ao bebé que iria surgir. Mas a mulher era muito desequilibrada: Comia o alimento da criança e dava-lhe papas feitas com farinha de milho.

Com uma senhora da Casa, também ela santa, fui buscar o menino e dei-o à Carmita que, no dia seguinte, saiu com ele ao colo para o Hospital Dona Estefânia, em Lisboa.

Passou assim seis meses. Todos os dias agarrava o seu pequerrucho ao colo, apertava-o ao seu coração e seguia com ele, nos transportes públicos, para o Hospital.

Deus aceitava a sua oferta maternal e preparava desta forma o seu coração, para desenvolver nele a sua vocação materna.



Não foram nove, mas seis meses, que ambos andaram juntinhos. Ela debruçando-se sobre o seu primeiro filho e ele recebendo, inconscientemente, a ternura maternal de que tanto necessitava.

Vejo, agora que a vida me ensinou, a mão de Deus viva e paterna a preparar o coração da Carmita para ser mãe. Outros filhos, que vieram depois, encontraram um coração aberto, experiente, doce e meigo, aflito e confiante como lhes convinha.

A Carmita entregou-se a Deus sem reservas, sabendo que o Senhor a apartaria e projectaria o seu sonho cristão.

Quando já tinha seis filhos, verificou ser impossível continuar o seu emprego, onde ganhava o pão da família, e ser mãe consciente, o que ela mais ansiava.

Não teve dúvidas. Deixou o trabalho e entregou-se inteiramente à família, confiando na Providência Divina — que nunca falta.

No seu caminho apostólico, abriu clareiras

e rasgou horizontes, dando o seu testemunho nos Cursilhos de Cristandade, granjeando muita estima e fazendo comunhão, o que lhe valeu muito nas suas dificuldades.

A partir de certa altura, era a Carmita quem, pela mão dos seus filhos, nos vinha ajudar com as suas dádivas. Na primeira vez reagiu, não querendo aceitar, mas sem sucesso. Ela era uma mulher de ânimo forte. Obrigou-me a consentir. Pus-lhe uma condição: — *Quando precisares, vens aqui, que a nossa Casa e do que ela tem, é tudo teu!*

Só uma vez, banhada em lágrimas, veio pedir ajuda à Casa do Gaiato.

Pobre como era, acreditava profundamente no amor Perene e Presente do Pai Celeste e dava, com a sua vida, demonstração clara desta verdade, pregada por Jesus Cristo e por ela assumida.

A Carmita morreu aos 42 anos, em 1980. Os seus filhos, netos e uma bisneta orientaram-se na vida com os bens materiais e morais que a mãe lhes deixou.

A sua família, os seus irmãos, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, abriram-se totalmente ao ideal da irmã e foram para

ela, toda a vida, o amparo da Providência. Nem outra coisa era de esperar de uma família cristã.

O pai da Carmita foi um homem que catequizou os filhos com o seu exemplo de vida, trabalho e oração. Atento, como poucos, ao soar da trombeta evangélica, fez-se assinante d' O GAIATO desde o primeiro número e, por isso, eu tenho a graça de possuir, nesta Casa, uma colecção do Jornal, que a Carmita encadernou à sua maneira e me ofereceu, dois ou três anos antes de falecer.

Esta exposição tão rica merece ser visitada, para abrir ideais. Não vamos viver como a Carmita, mas imitá-la na sua audácia e na entrega, sem medo, ao ideal de Jesus.

Quantas mulheres tenho desafiado, ao longo da minha vida, para virem viver a sua fé connosco, dando a sua maternidade nesta barca sem leme?!... Quantas?!...

E não vêm... porquê? Têm medo. Uma congregação, uma ordem, dá-lhes mais segurança.

A fé é sempre uma aventura no Divino. A Carmita experimentou-a, deliciouse, editando uma epopeia de santidade. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

ros e professores. Faltam escolas, mas anuncia-se a alfabetização de adultos; faltam carteiras escolares, mas anuncia-se a criação do pré-escolar para todos. Os professores vão ter de fazer a décima mais três anos: — os licenciados chegam a dar aulas em cinco escolas, em tempo *record* para eles, e os alunos ficam a olhar para a sua ignorância. Legalizam-se regalias para quem já tem demais. Vende-se o trabalho dos moçambicanos, a soberania de um Povo humilde e humilhado, Pobre e empobrecido, sofredor e obrigado mesmo a sofrer ainda mais. «*Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?*» E já perdeu. São seres sem alma, mas Deus é Espírito, tudo vê, tudo sabe e nada esquece, porque para Ele tudo é presente. Não tem duas balanças, porque é Justo. Nem duas leis. «*Passarão o céu e a terra mas da Lei não mudará uma só letra. Uma só sentença que há muito ela contém. Bem-aventurados os que nunca saíram do Seu coração de Pai porque terão a revelação da maravilha de um mundo novo com Ele.*»

É o meu desabafo hoje. A próxima crónica não sei se poderá ser escrita. □

VINDE VER!

Padre Quim

Acolhimento

COM a porta sempre aberta, deste cantinho do garoto expedito, a sociedade, de longe ou de perto, conhece de como é feita a nossa vida. Ela é cheia de acontecimentos, de feitos que o pequenino vai realizando. Experimentando-se na responsabilidade e na liberdade de ser ele a fazer a passagem das coisas simples, quase banais, às maiores, quase impossíveis — que por se tratar dela vir de um que é fruto do abandono social, é-lhe escamoteado o mérito do protagonismo. Oh, mundo!, distraído que caminhas de cabeça para baixo, quando te levantarás? E a justiça? Quando alcançará o trono real?

Algures, foi reactualizada a lista dos mais ricos do mundo, a notícia correu, e corre, é água nas entranhas da globalização. O desejo de ser rico aos olhos dos homens, atropela o modo normal do funcionamento das instituições sociais. A corrupção é o tubo de escape, grandes e pequenos atolam-se no mesmo lamaçal. É o resultado de se ter abandalhado a ética e a moral, para se fiar no desenfreado e brutal consumismo — fruto do capitalismo selvagem e civilizado. O auxílio virá d'Aquele que faz chover e nascer o sol para todos, bons e maus. A Igreja é profética portadora de uma Nova Mensagem. O dinheiro tem outras formas de anunciar o que é contrário. Quando, lá fora, chovem gotas grossas, cá dentro é urgente compor o telhado do edifício humano,

para que não venha a ser arrastado pelas correntes incertas sobre o que é ético e moralmente aceite.

Não são poucas as pessoas que nos procuram. A Casa do Gaiato é Mãe e os Pobres conhecem-na, e vêm nela experimentar o amor materno. O berço que a sociedade lhes rejeitara, ao nascer, é encontrado numa nova forma de nascimento: — O de se ser amado, e acarinhado, de poder sentir-se satisfeito ao ouvir que tem uma grande Família.

Veio uma Irmã religiosa com três pequeninos. Ao longe, fez-me sinal de saudação e, a seguir, outro sinal, novos meninos; o Senhor Bispo ligara, a certas horas, para o mesmo assunto. É o Pastor que vai em busca da ovelha tresmalhada, para fazer um único rebanho. Foram alegres os irmãos no acolhimento. Primeiro, banho para lavar o corpo maltratado, roupa limpa, calçado nos pés, comida quente ao paladar para esquecer a miséria fria dos restos que disputavam entre eles, do lixo. É nosso rito de iniciação. É o baptismo dos caloiros em nossa Casa. Um dia, depois de preparados, junto ao altar do Sacrifício de Cristo Senhor, receberão a verdadeira unção e o banho regenerador de todas as culpas. Padrinhos e madrinhas que os acompanhem, também terão. Continuamos com um grupo grande de rapazes desempregados em Casa e, por isso, não têm autonomia para se governar lá fora. Não há postos

de trabalho seguros. Ou porque o contrato terminou com a empresa ou por desleixo do próprio rapaz que é despedido. Porque hão-de ser vagabundos os filhos desta Pátria onde até os jardins são feitos pelos chineses?

O álcool rouba a carteira à juventude e destrói-a totalmente. A delinquência aumenta e as cadeias são o mal menor da debandada social.

Somos uma Obra viva e lutamos contra estes males todos os dias. E quando não podemos mais e eles não se deixam ajudar, soluçamos ao pé do sacrário. Seja sempre nossa Força para recomeçar! Os nossos «Batatinhas», alegres no seu pequeno mundo, a construir o grande, vão dando passos de progresso já hoje. A Irmã Albina, das Cooperadoras, que acompanha os pequenos no estudo, disse que o Rami já lê o texto que escreve no quadro. Ele apenas tem cinco anos, feitos em Janeiro, e os outros também seguem a mesma linha. Vale tanto acreditar na realização dos grandes ideais a favor dos mais necessitados!

Veio o responsável do desporto para deficiente da Província ver o talento do nosso Kavela, que já esteve numa competição Nacional e agora irá representar o País no Campeonato Africano, que se vai realizar na Etiópia, jogando pela Selecção Nacional. Hoje, é o Rapaz que presta serviço à Nação; ontem, era a vergonha da miséria social; amanhã, o que há-de ser o Rapaz, se houver continuidade em acompanhá-lo e boa vontade de toda a sociedade? □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Nos cuidados de saúde, há momentos em que nos podemos aproximar mais seriamente das duas margens da vida humana. São horas que nos despertam mais e podem acontecer precisamente nas salas de recobro. Por via de um pequenito de 7 anos, entrámos numa dita unidade pediátrica, em que os cuidadores acompanhavam bem o acordar do Malam, por cirurgia oftalmológica. Como é benéfico adormecer temporariamente e ser adormecido e voltar de novo a ver a luz do Sol. Quando lhe perguntei o que mais queria, quando nos fez o filme das últimas horas, respondeu logo: — *Companhia!*

O Senhor manda-nos cuidar dos vivos, é certo. Contudo, é uma *ação muito digna e nobre* recordar quem partiu para a *terra dos vivos*, com esperança na ressurreição. É sintomático, também, neste tempo de tentativas de invasão do laicismo, ingrato da matriz cristã, que mais pessoas nos venham segredando nomes amigos para o Sacrifício Eucarístico. Esta dimensão humana essencial não se encontra no paganismo e profano, cuja apologia se vai fazendo nas sociedades. No serviço aos mais débeis, tal como a viúva indefesa do Evangelho, que clamam por justiça, é imprescindível levantar as mãos *sem desanimar*, como fez Moisés no cimo do monte. Certa aurora de um dia cinzento, a uma viúva temente a Deus, coberta de negro, num átrio, respondemos: — *Para rezar e trabalhar, não é preciso pedir licença.*

É tempo agora de recordar, gratamente, um grande Pastor, com pena profética, por quem também celebrámos a 11 de Outubro, numa Sé apinhada de fiéis amigos, junto ao Vouga: António Marcelino, Bispo. Foi uma enorme manifestação de fé no Senhor da Vida! Disse-nos logo que sim, quando o interpelámos para dizer, em Coimbra, umas palavras sentidas sobre Padre Américo e o II Concílio do Vaticano, pois foi mesmo um precursor, atento aos sinais dos tempos. Bem-haja! Há cerca de 20 anos, em Roma, num Sínodo dos Bispos, já o tinha evocado, como servidor dos Pobres. Sua irmã, depois do último aceno, testemunhou-nos: — *Era tão vosso amigo!* Apelei, então, ao encontro com as irmãs de Lázaro, por quem Jesus chorou e de quem disseram os judeus: — *Vede como era seu amigo!* A sua luz brilha, na Igreja portuguesa, para que, vendo as suas obras, glorifiquemos o Pai que está nos Céus! Com luminaires desta clareza assim, o Reino de Deus fica mais próximo. □

SETÚBAL

Padre Acílio

D. António Marcelino

SURPREENDEU-ME a morte inesperada do Senhor Dom António Marcelino, Emérito Bispo de Aveiro.

Tinha por ele uma grande admiração, séria amizade com mistura de um vivo agradecimento.

Foi um homem que, desde o início, entendeu bem o papel da Obra da Rua na Igreja e no Povo genuíno de Portugal. Sempre a defendeu como ninguém.

Quando toda a imprensa e comunicação social, como uma praga, agarrando no diz-que-diz de um mal-intencionado jornalista, punha, cá para fora, uma enxurrada de mentiras, meias verdades, calúnias, o Senhor D. António Marcelino pegava na sua hábil e sábia pena e defendia-nos quanto podia, sem medo, diante de toda gente.

As provas estão aí na frente de quem as quiser recordar.

Conheci-o melhor quando ainda era um simples Padre e me encontrei com ele, pela primeira vez, nos peditórios do Algarve. Saí com dois Rapazes, depois de uma manhã de trabalho e do almoço, numa Renault 4L a caminho de Vila Real de Santo António.

Perto de Beja o veículo parou e, por mais que desse ao motor de arranque, não pegava. Procurámos gasolina, deitámos-na no depósito e... nada. O motor negava-se. Abri, de novo, a capota e verifiquei, mais atentamente, que o tubo de borracha da gasolina se havia desenfado de outro tubo metálico, que conduzia o combustível ao motor.

Estava um calor tórrido naquele sábado de Agosto.

Chegámos à Igreja de Vila Real, cinco minutos antes da Missa das seis da tarde, desfeitos do sol, do cansaço e dos nervos.

O Pároco não estava. Substituí-o um Padre novo, de Lisboa, bem falante e bem cantante, que ali passava férias. Ao ver-me na sacristia: — *Você é que é fulano? Não fala mais de cinco minutos. Está muito calor e o povo não aguenta.* — Fiquei gelado. Procurei organizar, mentalmente, o que ia dizer e retirei-me para a igreja.

O sacerdote fez logo uma longa abertura à Missa. Depois, cantou os salmos, introduziu as leituras com demoradas pregações e cantou o Evangelho sem pressas. Senti-me muito mal perante tanta insensibilidade e ignorância.

Falei. Os rapazes fizeram o peditário e eu saí para Monte Gordo, onde havia Missa às sete. Encontrei o Padre António Marcelino que me falou, logo, do seu encanto pelas Casas do Gaiato, acrescentando que falasse o tempo que entendesse. Começou a Missa e o padre Marcelino fez um

grande elogio à Obra, apresentando-me à Comunidade reunida na capela e expressando a alegria da minha presença. Nunca mais me esqueci. Ainda hoje tenho, dentro de mim, a doçura daquela consolação.

Foi eleito Bispo Auxiliar de Lisboa e, depois, titular de Aveiro. Encontrei-O muitas vezes quando, nas suas curtas férias de Verão, se acolhia numa dependência da igreja de Vila Moura, onde confeccionava os seus alimentos, descansava e dormia.

Antes da Homilia que eu proclamava, na sua Missa dominical, fazia sempre uma curta apresentação, enaltecendo o valor da Obra da Rua na Igreja em Portugal.

Como Emérito de Aveiro, era o Bispo que fazia a nossa ligação com a Conferência Episcopal Portuguesa. Quando a Santa Sé, a seu pedido, o exonerou da Diocese, eu saía também de Paço de Sousa. Telefonou-me para almoçarmos juntos e comemorarmos a libertação.

Nunca aconteceu. Estive, com sacrifício pessoal e da Casa de Setúbal, na celebração das exéquias na Sé de Aveiro. Não podia deixar de o fazer. Participei numa grande manifestação de fé na Vida Eterna e de carinho com a Sua Pessoa.

Amanhã, muito brevemente, estaremos juntos na mesa do Reino de Deus e festejaremos, então para sempre, a nossa amizade. □

DOM ANTÓNIO MARCELINO

Padre João

DE um ano para o outro partiram para o Céu, três Bispos que mantiveram, sempre, uma estreita ligação com a Obra da Rua, quer por força do lugar que ocupavam no contexto da Igreja em Portugal, quer pelos laços jurídico-canónicos em relação à Obra. Todos eles nutriam para com o Padre Américo um cunho “quase cultural” sem se anteciparem ao juízo da Igreja. Para eles, o Padre Américo constituiu sempre um ilustre membro da “Família Católica”. Tinham disso uma percepção espiritual muito particular. O Padre Américo era o Fundador da Obra da Rua, o precursor das Casas do Gaiato, o “recoveiro dos pobres” mas não se confinava aí, nem podia. Ele era a consciência de uma Igreja que, como diz agora

o Papa Francisco, se deve deslocar, preferencialmente, para as «periferias».

O primeiro, Dom Albino Cleto. Depois, Dom João Alves. Em 9 de Outubro, Dom António Marcelino. Todos nutriram pela Obra da Rua, pelo Padre Américo, um respeito e uma admiração carinhosa e vincadamente pastoral. Cada um à sua maneira e conforme o seu ângulo de vista, mais afectivo ou intelectual. Num ponto convergiam com o sentir da Conferência Episcopal: «O Padre Américo é uma jóia da Igreja em Portugal».

Dom Albino Cleto, desde as colónias de férias, em Miranda do Corvo, ainda seminarista. Mais tarde, como Bispo que foi de Coimbra. Uma das primeiras pessoas que o abraçou à entrada

da Sé de Coimbra, aquando a sua tomada de posse, foi o padre Horácio. Aquele abraço disse tudo.

Dom João Alves, desde os seus tempos em Setúbal, como Vigário Episcopal, desta ainda Zona Pastoral do Patriarcado de Lisboa, ao tempo. Mais tarde, já como Bispo de Coimbra, este pendor pastoral e paternal, se manifestou e revigorou por muitas vezes e em circunstâncias muito importantes; nomeadamente aquando a celebração do Centenário do Nascimento do Padre Américo ou através da sua escrita de “pena” firme e imbatível.

Dom António Marcelino, desde os bancos do seminário, de Gavião a Marvão até ao Maior de Portalegre. Ali, confienciava ele, Padre Manuel Pinheiro, Superior daquela Casa de formação sacerdotal, para além de referenciar o exemplo do Padre Américo,

como o “Dom Bosco” português, modelo sacerdotal, inculcia nos jovens aspirantes à vida sacerdotal o amor à leitura d’O GAIATO, como «obrigatória».

Assim se terá tornado, Dom António, um dos grandes impulsionadores da O.V.S., *Obra das Vocações Sacerdotais* na sua Diocese de origem e pelo País fora.

Tivemos a graça de o ter mais próximo de nós, Obra da Rua, nestes últimos tempos, como Bispo delegado de D. Manuel Clemente e por incumbência da Conferência Episcopal.

Que descanse em paz; que do Céu continuemos a beneficiar dos seus “bons e oportunos ofícios” ele que, como o recordou o Patriarca Emérito de Lisboa, «era parecido com o papa Francisco por não se esconder atrás da organização e das estruturas e ir para a frente do Povo de Deus». □

SINAIS

Padre Telmo

A vossa Quinta da Torre está abandonada, se vós ma deres, realizarei ali um sonho lindo.

Mais ou menos por estas palavras, pediu o nosso Padre Américo, à família de Eça de Queirós, a Quinta da Torre, que é hoje a nossa Aldeia dos Doentes — o Calvário.

Padre Américo morreu. Coube ao senhor Padre Baptista, que soube pôr cada coisa no seu chão: Pavilhões, ruas, mata e flores.

A Aldeia é bela. No centro a Capela que foi o espigueiro da quinta — uma obra de arte!

Todos os sábados vem um grupo de voluntários dar banho aos doentes; um deles já vem, há trinta anos. Sábados e domingos, senhoras voluntárias vêm cozinhar. Senhor Pacheco e António Henriques estão quase sempre.

Exemplo maravilhoso nos dão estes voluntários de amor ao nosso próximo: Debruçados sobre os que não vêem, outros que não ouvem, alguns não andam e aqueles que estão longe — dão só pela comida que lhes pomos na boca.

Meus senhores, venham e ouçam a seara de trigo!...

* * *

Um médico ginecologista converteu-se a Jesus e arrependeu-se dos abortos que tinha praticado. Foi entregar ao Papa Francisco a mala com os instrumentos com que tinha desfeito tantos bebés. O Papa abençoou-o e pediu-lhe para pregar e defender a vida. Mais. Que iria rezar diante dos ferros como diante da Cruz do Senhor.

Que notícia bela para aqueles que esquadrinham todos os cantos, na busca do negativo e do sensual. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Não podemos cansar-nos de fazer o bem

É o caminho da verdadeira felicidade. Sentir-nos-emos tanto mais realizados e, por isso, mais felizes, quanto mais ajudarmos os outros. A nossa humanidade não perde nada. Pelo contrário, vamos colher no tempo oportuno. É necessário não desfalecermos, porque a tentação do cansaço, como um ladrão, bate-nos à porta. Não lhe podemos abrir o nosso coração. O egoísmo e a indiferença roubam-nos o tempo precioso de praticarmos o bem para com todos, mas principalmente para com os nossos irmãos mais necessitados. Tenhamos cuidado!

Mais uma surpresa nos aconteceu, há dias. Um telefonema acabou de comunicar-nos a necessidade muito urgente de acolhermos três crianças da rua, abandonadas: Uma com 12 anos, outra com 8 anos e a terceira com 5 anos. Perante esta situação, sem outra alternativa humana, abrimos

a porta da nossa Casa do Gaiato, com o coração acolhedor, a estes três filhos. Não têm documento algum identificativo nem registo com cédula nem frequência escolar. Têm, apenas, a marca do abandono. Nasceram, de novo, na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Esta é, no momento presente, a sua casa de Família. Vamos ajudá-los a ser homens, cidadãos normais da Nação angolana. Cuidaremos dos seus registos no foro civil. As linhas que deviam levar os nomes dos pais ficarão em branco, sem nada. É triste, sem dúvida. Vamos assumir essa missão. Em situações extremas, como estas, temos de encontrar um cantinho, na Casa cheia, que irradie o calor familiar. Foi o que fizemos. A nossa humanidade não perde nada, quanto mais ajudarmos os que mais precisam. Quem dera vivêssemos esta verdade, ao longo do vosso dia a dia. Cada um recolhe o que tiver

semeado. Quem semeia no amor autêntico recolhe a fecundidade que é sinónimo de vida feliz. Ajudai-nos a criar estes novos filhos.

Há um valor cultural muito rico do Povo angolano, que se chama a família alargada. Houve uma fase da história da nossa Casa do Gaiato marcada pela grande influência desta riqueza. Os filhos nativos, quando perdiam o pai natural ou a mãe, não ficavam abandonados. O tio, a tia, os primos assumiam o papel dos pais e dos irmãos. Maravilha! A família nuclear não era a única que contava na vida dos filhos. Quando a guerra invadiu as populações, deu-se o fenómeno da dispersão e da fuga, com as consequências trágicas do abandono das Crianças. A situação de desgraça, em que se encontram muitos filhos, é também uma das marcas dolorosas da perda dos efeitos deste valor cultural muito rico. Ainda está vivo

e quem dera se alargasse cada vez mais. Seria uma resposta muito humana para o problema social do abandono dos filhos da parte dos pais de sangue. Da nossa parte, continuamos à espera da hora em que haja lugares disponíveis para o acolhimento normal das dezenas de filhos que aguardam a sua vez.

Entretanto, dada a urgência da recuperação das casas de habitação, batemos à porta dalgumas instituições. Não tivemos resposta, até este momento. Quem dera a cultura da solidariedade estivesse implantada, como um valor social muito importante, no coração das empresas, das entidades sociais e das pessoas singulares que têm capacidade de partilhar o que possuem. Queremos continuar a servir todos estes filhos com o dom da nossa própria vida muito unida e alimentada pela esperança que irradia do vosso coração. Vamos continuar. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □